

O fólio em branco:

a iluminura hebraica portuguesa da Idade Média

Luís Urbano Afonso
Instituto de História da Arte
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
luis.afonso@fl.ul.pt

Abstract— Este estudo trata da importância da iluminura hebraica tardo-medieval portuguesa, identifica as suas características básicas e apresenta, sucintamente, um projeto de investigação em curso, iniciado em meados de Março de 2012, financiado pela FCT, dedicado, precisamente, a este tema.

Iluminura hebraica; Portugal; Século XV; Manuscritos

I. INTRODUÇÃO

Em Portugal escasseiam os vestígios monumentais e artísticos criados pelas duas principais minorias religiosas do período medieval, a judaica e a muçulmana.¹ Esta situação não decorre apenas do processo de apropriação e destruição da cultura artística e monumental destas minorias, especialmente no caso dos muçulmanos, anteriores senhores de uma fatia substancial do território, nem se deve somente ao processo de integração forçada e de homogeneização confessional formalmente implementada nos finais do século XV, e que atingiu sobretudo os judeus. Em grande medida, especialmente no que se refere aos vestígios materiais, é óbvio que tais culturas minoritárias nunca foram tão procuradas, estudadas e valorizadas, como aconteceu com a herança cristã medieval. Nos últimos dois séculos não houve nenhuma política em relação ao passado medieval islâmico ou judaico equiparável à profundidade, e durabilidade, da política de renovação, e reconfiguração, da memória cristã medieval, quer na esfera das ideias quer na paisagem monumental do território: uma política que conduziu à recuperação, e “invenção”, de catedrais e castelos, de fontes e capelas, muralhas e pontes. Diria até que prevaleceu sempre uma ideologia identitária que limitou e minimizou o papel destas duas confissões na história do país e na formação da identidade nacional portuguesa.

Se as razões invocadas anteriormente se compreendem à luz da ideologia do Estado Novo, e se, em última instância, também não existem em Portugal vestígios materiais destas duas religiões que se imponham no território pela sua monumentalidade, ao contrário do que sucede em Espanha, já não se compreende bem o que motiva a omissão, nos dias de hoje, de um património artístico tão relevante como é o caso da

iluminura hebraica portuguesa tardo-medieval. Sobretudo, tendo em conta que estas iluminuras alcançaram os nossos dias em razoável estado de conservação e estão disponíveis para estudo em bibliotecas públicas.² A minha intenção neste breve texto consiste, precisamente, em sublinhar a importância deste tema para a arte portuguesa. Para tal irei apresentar, muito sucintamente, as principais características deste património artístico e irei dar conta de um projeto de investigação coletivo, abrangendo quase duas dezenas de pessoas e cinco unidades de investigação, inteiramente dedicado a estes manuscritos iluminados. Um projeto que tenho o privilégio de coordenar e que se destina, precisamente, a estudar estas iluminuras no âmbito da história da arte portuguesa e que pretende divulgar a sua importância como testemunho cultural e histórico do nosso passado coletivo.

II. AS RAZÕES DO SILÊNCIO

A iluminura hebraica tardo-medieval constitui, de facto, um capítulo relevante, ainda que breve da história da arte portuguesa. Um capítulo que ainda não foi escrito, embora existam vários estudos de grande qualidade sobre este assunto realizados por especialistas estrangeiros em arte hebraica medieval. Para atenuar o efeito das críticas que, inevitavelmente, identificam neste silêncio mais uma prova do entranhado desinteresse dos portugueses por assuntos culturais, importa dizer que existem vários fatores que contribuíram para esta omissão.

Em primeiro lugar, os estudos efetuados por especialistas estrangeiros são muito contraditórios, existindo duas teorias muito divergentes a respeito deste tema. Segundo Gabrielle Sed-Rajna estes manuscritos apresentam uma clara identidade artística que possibilita o seu agrupamento num conjunto, a “Escola de Lisboa” [1]. Por sua vez, Thérèse Metzger considera que tais manuscritos não passam de uma versão menor da iluminura hebraica castelhana [2]. A polémica gerada em torno destas duas teorias não ajudou a conferir uma identidade própria a este grupo de manuscritos e terá desencorajado o desenvolvimento do seu estudo. No entanto, torna-se cada vez mais necessário ultrapassar este impasse, até porque tal divergência parece derivar mais de incompatibilidades pessoais, do que de matérias objetivas e factuais.

¹ O presente estudo enquadra-se no âmbito do projeto de investigação intitulado “Iluminura hebraica em Portugal durante o século XV” (PTDC/EAT-HAT/119488/2010), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Este projeto é promovido pelo Instituto de História da Arte-Centro de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e decorre entre Março de 2012 e Março de 2015.

² Embora, em abono da verdade, todas essas bibliotecas estejam situadas no estrangeiro, desde Nova Iorque a S. Petersburgo.

Em segundo lugar, como acontece com outros patrimónios migrantes de origem portuguesa, devemos sublinhar que raras vezes se escreveu a história da arte nacional com obras que não estivessem dentro do território continental. Na realidade, atualmente, não se encontra em Portugal nenhum dos manuscritos hebraicos tardo-medievais iluminados que constituem o tema deste estudo. Todos estes manuscritos iluminados, mais de três dezenas, estão em bibliotecas ou coleções fora de Portugal.

Mas o problema da acessibilidade física não explica tudo. Outro obstáculo de peso, o terceiro, diz respeito à escassez de hebraístas em Portugal especializados no livro antigo e à escassez de historiadores de arte especializados no estudo da iluminura medieval, não havendo um só investigador que congregue as duas valências em simultâneo. Assim sendo, também por esta razão os manuscritos em causa se tornam pouco acessíveis em termos conceptuais e materiais. Perante esta coligação negativa de fatores, além das questões históricas e ideológicas anteriormente mencionadas, percebe-se que não é fácil promover o estudo destas obras de arte entre nós. Na última parte deste estudo darei conta, precisamente, do projeto de investigação que agora se iniciou dedicado ao estudo destas obras de arte, quais os seus objetivos e equipa, e qual a herança que se espera deixar para o futuro em termos da formação específica de novos investigadores. Mas antes disso, importa expor, ainda que de forma breve, quais as principais características destas iluminuras.

III. A ILUMINURA HEBRAICA PORTUGUESA TARDO-MEDIEVAL: CARACTERÍSTICAS

O primeiro ponto a destacar sobre este assunto diz respeito aos motivos que explicam o súbito incremento de manuscritos hebraicos iluminados (ou decorados) na segunda metade do século XV em Portugal, especialmente no último terço desse século. Efetivamente, dos cerca de sessenta manuscritos hebraicos conhecidos, claramente associados a Portugal, a esmagadora maioria, quase 70%, foi copiada na segunda metade do século XV [3].³ Como se sabe, durante esse período chegaram a Portugal grandes fluxos de judeus que fugiam ao crescente clima de intolerância religiosa vivida nos restantes reinos da Península. Por esse motivo, consequentemente, houve um incremento da produção artística hebraica entre nós, sobretudo ao nível dos manuscritos decorados ou iluminados, que representam mais de metade do total de manuscritos referidos, e ao nível da renovação dos espaços confessionais, de que a sinagoga de Tomar é um dos melhores exemplos.

Estes manuscritos apresentam uma série de semelhanças com outros manuscritos hebraicos peninsulares, o que é lógico, e natural, atendendo aos fluxos migratórios, à sincronia da produção e à partilha da mesma cultura sefardita. Não obstante, estes manuscritos apresentam características específicas que permitem proceder ao seu agrupamento num conjunto coerente e estudar esse conjunto como testemunhos culturais e artísticos relevantes e inovadores. Desde logo há a destacar o facto de se

³ Especificamente, conhecem-se dois manuscritos do século XIII, quatro do século XIV, cinco da primeira metade do século XV e os restantes datam da segunda metade. No entanto, estes números não são definitivos. Estamos confiantes que durante a execução do projeto referido na nota 1 iremos identificar mais manuscritos hebraicos medievais de origem portuguesa.

concentrar em Lisboa quase toda a produção de manuscritos iluminados hebraicos portugueses, ao contrário dos manuscritos sem iluminura ou decoração, melhor distribuídos por outras cidades e vilas do país. Pela simples concentração geográfica, no perímetro das judiarias lisboetas, há razões válidas para procurar os sinais dessa identidade.

Entre estes manuscritos nota-se uma grande consistência ao nível do sistema de composição dos fólhos iluminados e ao nível dos seus programas ornamentais. Ainda assim, o aspeto que mais cativa o observador é a forma luxuosa como os fólhos dos exemplares mais relevantes são estruturados, na combinação entre as duas colunas de texto e a panóplia de soluções decorativas sempre em estreita articulação com a funcionalidade da leitura. De facto, estas soluções decorativas servem, por exemplo, para marcar a separação entre livros num mesmo manuscrito ou para indicar as leituras semanais. Estes manuscritos, dotados de uma caligrafia uniforme e elegante, profusamente decorados e belamente encadernados, destinavam-se também a sublinhar o prestígio e o estatuto do seu possuidor, dentro e fora da comunidade judaica, funcionando como um símbolo de distinção social, de erudição e de respeito pelas tradições religiosas.

Um aspeto importante que caracteriza estes manuscritos é o seu aniconismo quase absoluto, sendo certo que entre os exemplares remanescentes, quase sempre partes de Bíblias, não subsiste uma única Haggadah, manuscrito preferencial para a inclusão de figuras e ciclos narrativos na Idade Média judaica. De facto, nestes manuscritos portugueses nunca se encontram figuras humanas, à exceção de uma ou outra criatura híbrida, semi-humana, desenhada à maneira dos grotescos italianos, que se mistura com representações de animais verdadeiros. Por norma, a decoração destes manuscritos consiste em motivos geométricos ou vegetalistas, podendo acrescentar-se alguns animais no meio de folhagens, sendo os mais característicos os mochos, os pavões e os papagaios, além dos dragões muito presentes também na iluminura cristã portuguesa coetânea.

Do ponto de vista artístico, um dos aspetos mais deslumbrantes destes manuscritos portugueses consiste na combinação entre os ornatos filigranados de cor violeta, ou malva, distribuídos à volta dos títulos, feitos a folha de ouro ou em crisografia (ou seja, uma escrita diretamente a “tinta” de ouro). A combinação que daqui resulta produz um efeito visual extraordinário, sendo de sublinhar que esta solução não se encontra com a mesma recorrência noutros centros de iluminura hebraica tardo-medieval. Outro aspeto que merece ser destacado é o modo como as molduras textuais se organizam nos fólhos, apresentando decoração filigranada ou floral, também ela muito semelhante nos diversos manuscritos.

O mais imponente destes manuscritos é, sem dúvida, a designada Bíblia de Lisboa, um manuscrito em três volumes, de grandes dimensões, que foi copiada em 1482 por Samuel ibn Musa para José, filho de Yehuda chamado Al-Khakhim. Atualmente na British Library (Or. 2626-2628), este manuscrito apresenta dezenas de fólhos com as cercaduras e o intercolúnio inteiramente iluminados, oferecendo-nos uma obra extraordinária do ponto de vista artístico. O modo como o copista (e iluminador?) organizou o fólho, com a marcação do campo pictórico delimitado interiormente por cercaduras e

filigranas, que, por sua vez, circunscrevem o espaço para as iluminuras e para o próprio texto, é encarado aqui, claramente, como um elemento visual, uma composição artística, e não tanto como um elemento semântico, um texto. Neste caso concreto, a especificidade do *medium* engloba todo o trabalho relacionado com a inscrição de elementos visuais sobre a superfície plana e amarelecida do pergaminho, sendo que esta inscrição, a meu ver, inclui também a própria caligrafia. Assim, o conjunto tem vida e valor próprios, ficando o texto num estatuto de igualdade, ou mesmo submissão, face à composição artística do fólio. O texto, ainda que sagrado, é tratado aqui, fundamentalmente, como uma obra de arte.

IV. PARA UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR DA ILUMINURA HEBRAICA PORTUGUESA

Tendo em conta a ausência de uma tradição nacional, académica ou não, de estudos sobre a arte hebraica medieval, e atendendo à importância dos manuscritos iluminados (ou decorados) produzidos por judeus em Portugal na época tardo-medieval, senti que era necessário contribuir para ultrapassar o vazio de estudos sobre este importante património artístico, tanto mais que, cronologicamente, estas iluminuras se enquadram totalmente no período artístico que mais tenho estudado. Assim, a partir de resultados estimulantes obtidos num projeto anterior [4], onde um texto hebraico português da Idade Média sobre materiais para pintura foi peça central,⁴ a partir do entusiasmo de alguns jovens investigadores, determinados em especializarem-se nesta área, e apoiado por investigadores de áreas afins com sólida experiência, eu e a Dra. Débora Matos elaborámos uma proposta de investigação sobre este tema. Nessa proposta reunia-se uma equipa de historiadores de arte com estudos sobre iluminura e pintura, codicologistas, historiadores do judaísmo, paleógrafos e hebraístas com larga experiência, além de se ter criado espaço, e condições de trabalho, para a formação de jovens investigadores bolsistas que pudessem especializar-se neste domínio.

Nesse sentido, apresentei um projeto de investigação que concorreu a financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, o projeto PTDC/EAT-HAT/119488/2010, intitulado “Iluminura hebraica em Portugal durante o século XV”, que recebeu a aprovação e o financiamento desta instituição, decorrendo entre Março de 2012 e Março de 2015. Associaram-se a este projeto o Instituto de História da Arte da FLUL, a Cátedra de Estudos Sefarditas – Alberto Benveniste, o Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa, o Centro de Estudos Clássicos da FLUL e o Centro de História da Universidade de Lisboa, além de dois consultores de grande valor, nomeadamente o Prof. Aires do Nascimento e o Prof. Shalom Sabar.

O principal objetivo deste projeto consiste, pois, em caracterizar a iluminura e a decoração dos manuscritos hebraicos portugueses do século XV e perceber o seu contexto de produção e receção, numa perspetiva histórica, cultural e artística. O estudo pretende contribuir, também, para que esta produção artística pouco conhecida em Portugal seja

contemplada nos *curricula* universitários de história da arte e que seja integrada, minimamente, nas grandes narrativas dedicadas à arte portuguesa medieval e proto-renascentista. Finalmente, pretendemos também contribuir para a difusão do conhecimento deste património em contextos menos especializados, nomeadamente em obras de divulgação dedicadas à arte portuguesa e à história do judaísmo em Portugal.

- [1] G. Sed-Rajna, *Manuscrits hébreux de Lisbonne: un atelier de copistes et d'enlumineurs au XVe siècle*. Paris: Centre National de Recherche Scientifique, 1970.
- [2] T. Metzger, *Les manuscrits hébreux copiés et décorés à Lisbonne dans les dernières décennies du XVe siècle*. Paris: Centre Culturel Portugais, 1977.
- [3] D. Matos, *The Ms. Parma 1959 in the context of the Portuguese Hebrew Illumination*. M. A. dissertation. Lisbon: Universidade de Lisboa.
- [4] L. Afonso, “As Matérias da Imagem”, *Artis*, vols. 7-8, 2009, pp. 523-525.

⁴ Refiro-me ao projeto de investigação financiado pela FCT, intitulado “As Matérias da Imagem: os pigmentos na tratadística portuguesa entre a Idade Média e 1850” (referência POCI/EAT/58065/2004).